

“Piolho-de-cobra” (Arthropoda: Chilopoda: Geophilomorpha) na concepção dos moradores de Pedra Branca, Santa Terezinha, Estado da Bahia, Brasil

Eraldo Medeiros Costa Neto

Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, Km 03, BR 116, 44031-460, Feira de Santana, Bahia, Brasil. e-mail: eraldont@hotmail.com

RESUMO. presente artigo registra as concepções, os conhecimentos e os comportamentos que os moradores do povoado de Pedra Branca, no Estado da Bahia, possuem sobre o “piolho-de-cobra” (Chilopoda, Geophilomorpha). Aqui se inaugura um novo ramo da etnozootologia: etnomiriapodologia, que é definido como o estudo transdisciplinar das relações seres humanos/miriápodes. Os dados foram obtidos de fevereiro a junho de 2005 por meio de entrevistas abertas e semi-estruturadas realizadas com 24 indivíduos de ambos os sexos, cujas idades variaram de 25 a 86 anos. Foram registrados conhecimentos tradicionais relacionados com taxonomia, biologia, hábitat, ecologia, sazonalidade e comportamento. Os resultados mostram que o piolho-de-cobra é classificado como “inseto”. O modo como esse animal se locomove foi bastante comentado. Em Pedra Branca, a maioria dos indivíduos acredita que esse animal é venenoso. Em geral, o conhecimento zoológico tradicional sobre os quilópodes geofilomorfos mostrou-se racionalmente coerente com o conhecimento acadêmico.

Palavras-chave: etnozootologia, etnomiriapodologia, Chilopoda, centopéia, conhecimento tradicional.

ABSTRACT: *Piolho-de-cobra* (Arthropoda: Chilopoda: Geophilomorpha) as viewed by the inhabitants of Pedra Branca, Santa Terezinha, Bahia State, Brazil. This paper deals with the conceptions, knowledge and attitudes of the inhabitants of Pedra Branca county, State of Bahia, on the arthropod known as *piolho-de-cobra* (millipede) (Chilopoda, Geophilomorpha). A new field within ethnozootology is here presented: ethnomiriapodology, defined as the transdisciplinary study of the relationships between human beings and the myriapods. Data were collected from February to June, 2005 by means of open-ended interviews carried out with 24 individuals whose ages ranged from 25 to 86 years old. Some traditional knowledge regarding this millipede taxonomy, biology, habitat, ecology, seasonality, and behavior were recorded. Results show that this centipede is classified as an “insect”. The way it moves was highly commented, as well as the fact that this animal is considered “poisonous”. In general, the traditional zoological knowledge of the inhabitants of Pedra Branca concerning the geophilomorph centipede is rationally coherent with the academic knowledge.

Key words: ethnozootology, ethnomiriapodology, Chilopoda, centipede, folk knowledge.

Introdução

As centopéias são artrópodes pertencentes à Superclasse Myriapoda, Classe Chilopoda (do grego “chilioi” = mil). São animais que apresentam corpos delgados, compridos, segmentados e achatados dorso-ventralmente, lembrando um Diplopoda de uma maneira geral. Possuem uma cabeça bem diferenciada e provida de mandíbulas, mas não existe uma diferenciação entre tórax e abdome (Ruppert e Barnes, 1996). As centopéias se distinguem por possuírem apenas um par de pernas por segmento, cujo número varia de 15 a mais de 180. Nenhuma

espécie tem 100 pernas, como o nome comum do grupo sugere (Hogue, 1993). A maior centopéia, *Scolopendra gigantea* Linnaeus, 1758, chega a atingir quase 30 cm de comprimento (Ruppert e Barnes, 1996).

São animais solitários, representados por espécies que vivem em climas quentes. Em todo o mundo, são conhecidas cerca de 1.100 espécies, mas as estimativas são de que existem aproximadamente 2.500. Para a região Neotropical, há cerca de 200 espécies descritas, das quais 150 são do Brasil (Knysak e Martins, 1999). Os quilópodes se distribuem em cinco ordens: Geophilomorpha,

Scolopendromorpha, Lithobiomorpha, Scutigermorpha e Craterostigmomorpha (esta presente apenas na Tasmânia e Nova Zelândia) (Teixeira *et al.*, 1999; Knysak e Martins, 1999).

Geophilomorpha, grupo focado nesse estudo, é constituído por centopéias compridas, cordoniformes, adaptadas para viverem no solo (Ruppert e Barnes, 1996). As principais características relacionadas com a morfologia e biologia das espécies pertencentes a esta ordem, com referência particular à fauna da região amazônica, foram sumariadas recentemente por Foddai *et al.* (2002, 2004). Neste ambiente Neotrópico, essas centopéias ocorrem tanto na floresta quanto nas áreas abertas, especialmente no folhíço e no solo, com adaptações peculiares para a floresta periodicamente inundada (Moraes *et al.*, 1977). Todas as espécies são cegas e primariamente adaptadas para a vida em ambientes escuros e se alimentando de pequenos invertebrados (Foddai *et al.*, 2004). No entanto, Knysak e Martins (1999) argumentam que o conhecimento sobre os geofilomorfos no Brasil é insuficiente devido à escassez de material, dados sobre a distribuição das espécies, deficiência da literatura e ausência de especialistas na área. Essas autoras assinalam que estão registradas 29 espécies brasileiras.

Considerando-se a inexistência de estudos etnozoológicos envolvendo os Chilopoda no Brasil, o presente estudo registra as concepções, os conhecimentos e os comportamentos que os moradores de uma comunidade rural do Estado da Bahia possuem sobre esses animais. Aqui se inaugura um novo ramo da etnozootologia: etnomiriapodologia, que é definido como o estudo transdisciplinar das relações seres humanos/miriápodes.

Material e métodos

Os dados aqui apresentados fazem parte de um estudo mais amplo, cujo objetivo é registrar a etnozootologia dos moradores do povoado de Pedra Branca, o qual está localizado na região Centro-Oeste do Estado da Bahia a uma latitude de 12°44'30"S e longitude de 39°34'50"W. O povoado de Pedra Branca dista 13 km da sede do município de Santa Terezinha, ao qual pertence, localizando-se no sopé da Serra da Jibóia. Este maciço serrano possui aproximadamente 22.500 ha de área, uma altitude máxima de 839 metros acima do nível do mar e está situado a uma latitude de 12°51'S e longitude de 39°28'W (Juncá *et al.*, 1999).

Os dados foram obtidos no período de fevereiro a junho de 2005 mediante realização de entrevistas

abertas e semi-estruturadas, recorrendo-se às técnicas usuais de registro etnográfico seguindo-se uma abordagem da antropologia cognitiva (Sturtevant, 1964). Com base na Resolução 196/96, foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foi lido e distribuído entre os informantes.

O universo amostral foi constituído por 8 homens e 16 mulheres, com idades que variaram de 25 a 86 anos. Os objetivos da pesquisa eram explicados de maneira clara no início de cada nova entrevista, perguntando-se aos moradores se consentiam em colaborar com a pesquisa. Poucos foram os casos em que o entrevistado não quis participar, respeitando-se sua decisão. As entrevistas ocorreram de modo individual ou coletivo e uma sessão durava, em média, cerca de trinta minutos. O uso de microgravador foi encorajado para que o pesquisador pudesse manter contato visual com os entrevistados. A maior parte das entrevistas, portanto, foi registrada em fitas microcassetes e as transcrições semiliterais encontram-se mantidas no Laboratório de Etnobiologia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Estado da Bahia.

Com o intuito de obter espécies de centopéias da região e de fazer uma sondagem sobre os espécimes capturados, frascos de vidro de boca larga contendo álcool 70% foram deixados em algumas residências. A coleta desses espécimes por parte dos próprios moradores possibilitou a realização de testes projetivos, quando os indivíduos eram questionados sobre o conteúdo dos frascos, registrando-se os nomes populares, o conhecimento local e as impressões a respeito dos organismos e possíveis usos. Os animais coletados foram levados para a UEFS para um primeiro tratamento taxonômico; posteriormente, serão encaminhados para especialistas. Exemplos serão depositados na coleção científica do Laboratório de Animais Peçonhentos e Herpetologia da referida instituição.

Os dados foram analisados segundo o modelo de união das diversas competências individuais (Hays *in* Marques, 1991), no qual toda informação pertinente ao assunto pesquisado é considerada. Os controles foram feitos através de testes de verificação de consistência e de validade das respostas (Marques, 1991), recorrendo-se a entrevistas repetidas em situações sincrônicas e diacrônicas. As primeiras ocorrem quando uma mesma pergunta é feita a pessoas diferentes em tempos bastante próximos e as segundas quando uma pergunta é repetida à mesma pessoa em tempos bem distintos.

Resultados e discussão

No povoado de Pedra Branca, os espécimes de centopéias pertencentes à subordem Geophilomorpha são conhecidos como piolho-de-cobra. Em geral, esses quilópodes compartilham as seguintes características morfológicas: são animais pequenos, compridos, delgados, de cor amarela, como comprovam os trechos de entrevistados abaixo:

“É amarelinho, todo cheio de perna parecendo um gongo” (Dona S., 82 anos).

“Deve ser que o piolho-de-cobra é aquele fininho. Porque tem um que parece minhoca, mas tem pernas também” (N., 25 anos).

“Tipo um lacrau, mas é fininho” (Dona P., 70 anos).

“É compridinho parecendo um cabelinho” (Seu A. M., 78 anos).

Os moradores tendem a comparar o animal localmente identificado como gongo (Diplopoda) com o piolho-de-cobra porque ambos apresentam um corpo alongado, segmentado e muitos pares de pernas, além de terem hábitos ecológicos semelhantes. A grande diferença entre esses dois grupos animais está no comportamento que o gongo tem de enrolar o corpo em espirais quando em repouso ou perturbado, como um mecanismo de defesa (“O gongo, a defesa dele, quando a gente mexe, ele se protege, se enrola”, Seu E., 66 anos). Em outras regiões do país, no entanto, esses dois lexemas etnozoológicos são sinônimos que se referem aos artrópodes da classe Diplopoda. A importância do estudo etimológico dos nomes comuns na pesquisa etnozoológica foi ressaltada por Daly (1998). Segundo este autor, os nomes comuns, vernáculos ou nativos, devem ser tratados com atenção meticulosa, ou sua informação e utilidade se perdem.

Embora sejam organismos facilmente observados, os quilópodes geofilomorfos não apresentam importância cultural para os moradores de Pedra Branca. Mesmo assim, verifica-se que o conhecimento zoológico tradicional sobre esses animais é relativamente coerente com os conhecimentos da academia, tendo sido registradas informações sobre etnotaxonomia, morfologia, comportamento, sazonalidade, ecologia trófica e hábitat.

No que se refere à etnotaxonomia, observa-se que a coloração externa do tegumento parece ser um critério importante na diferenciação dos tipos locais de piolho-de-cobra (“Tem avermelhado e mais escuro”, Seu Z., 56 anos). Segundo Ruppert e Barnes (1996), as centopéias das zonas temperadas são

geralmente marrom-avermelhadas, mas muitas formas tropicais, especialmente os escolopendromorfos, são vermelhas, verdes, amarelas, azuis ou têm combinações de cores.

Ainda no que concerne à etnotaxonomia, em Pedra Branca os geofilomorfos e todos os demais artrópodes e alguns animais não-artrópodes (p. ex., ratos, morcegos, lagartos, serpentes, sapos, lesmas, minhocas, entre outros), são percebidos e classificados como “insetos”, constituindo-se no que se identifica, dentro dos sistemas de classificação etnobiológicos, como um complexo etnotaxonômico (Berlin, 1992). A inclusão ou exclusão de uma espécie animal em uma dada categoria etnotaxonômica segue critérios diversos, complexos e multifacetados: anatômicos, ecológicos, simbólicos, éticos, econômicos, práticos, educativos, entre outros (Jara, 1996).

Nolan e Robbins (1999) discutiram sobre a organização cognitiva de domínios semânticos etnozoológicos (mamíferos, cobras, aves, peixes, insetos, etc.), que é influenciada pelo significado emotivo e pelas atitudes culturalmente construídas com relação a esses domínios. Tais atitudes podem variar desde predileções a aversões pelos elementos do mundo natural. Com relação ao domínio “inseto”, esta categoria etnozoológica parece ocorrer como um padrão nos sistemas de classificação etnobiológicos (Costa Neto e Pacheco, 2004). Este padrão foi explicado pela hipótese da ambivalência entomoprojetiva, segundo a qual os seres humanos tendem a projetar sentimentos de nocividade, periculosidade, irritabilidade, repugnância e menosprezo aos animais associados à categoria “inseto” determinada culturalmente (Costa Neto, 1999). O modo como os indivíduos percebem, identificam, categorizam e classificam o mundo natural influencia no modo como eles pensam, agem e expressam emoções com relação aos animais. Assim, as categorias cognitivas não podem ser consideradas como universais, devendo-se buscar uma abordagem metodológica que permita “descobrir” paradigmas conceituais ao invés de impô-los à sociedade sob estudo (Posey, 1987).

A maneira como o piolho-de-cobra se locomove foi uma característica bastante comentada pelos entrevistados, como demonstram os depoimentos abaixo:

“Só veve pinotando na carreira” (Dona P., 70 anos).

“Anda se arrastando. É um movimento!” (Dona E., 56 anos).

“Ele se encolhe e se estica igual à iscassu (minhocão)” (Dona M., 67 anos).

Os geofilomorfos vermiformes são adaptados para escavar através do solo ou do húmus. A força do impulso não é providenciada pelas pernas, mas pela extensão e contração do tronco, como nas minhocas” (Rupper e Barnes, 1996). Alguns correm bem rápido, num ritmo metacrônico semelhante ao dos poliquetos, com uma onda que passa de trás para a frente (Moore, 2003).

No que se refere ao local onde o piolho-de-cobra habita, os indivíduos entrevistados afirmaram que ele pode ser encontrado em diferentes microhabitats, tais como escondidos sob cascas (“cavacos de pau”), madeira apodrecida, folhiço (“baceiro”), dentro das folhas de gravatá (Bromeliaceae), em blocos de construção e na lenha (especialmente na casca da candeia, *Eremanthus erythropappus* (DC.) MacLeish.). Foi registrado que esse animal prefere viver em ambientes secos porque “não gosta de lugar muito molhado” (L., 28 anos). Com base nessas informações, observa-se o hábito sinantrópico desses animais, vivendo nas e ao redor das construções humanas. Knysak e Martins (1999) afirmam ainda que as centopéias geofilomorfas são fossoriais, vivendo sob a serrapilheira, dentro de cavidades no solo e em ambientes cavernícolas.

A maioria dos entrevistados disse que esses animais são mais observados durante os meses de “inverno” (“Nessa época é que mais aparece”, Dona E., 56 anos), embora alguns tenham afirmado que possam ser visto em qualquer período do ano (“Não tem época não”, Dona E., 60 anos). Segundo os moradores, “inverno” diz respeito ao período de chuvas e compreende os meses de março a agosto. A literatura registra que o período reprodutivo das centopéias ocorre na estação chuvosa-quente (Knysak *et al.*, 1998), quando os indivíduos estão à procura de parceiros para o acasalamento. Talvez por isso sejam mais facilmente observados na época de chuvas.

Quanto ao hábito alimentar, apenas um entrevistado comentou que o piolho-de-cobra se alimenta de “fubá de pau podre” (Dona P., 70 anos). E os dois únicos predadores citados foram a galinha e o peru (“Galinha come tudo”, L., 28 anos; “Peru engole aquilo”, Dona S., 82 anos). Na realidade, centopéias geofilomorfas são carnívoras, alimentando-se de minhocas, caramujos e nematodos (Ruppert e Barnes, 1996). Talvez no “fubá” (farinha fina desprendida da madeira em decomposição) vivam pequenos animais dos quais elas se alimentam.

Quanto ao fato de que esses animais possam causar acidentes (“ofensas”), foi observado que os moradores têm opinião contrastante. Enquanto há

pessoas (33%) que acreditam que o piolho-de-cobra é venenoso e que sua “mordida” tem o mesmo efeito da picada de uma cobra (“Dizem que piolho-de-cobra tem veneno igual cobra”, Dona M., 64 anos), outros (21%) acreditam que isso não passe de uma “lenda”, afirmando que este animal é inofensivo (“Diz o povo, mas é lenda, que se morder não tem cura”, T., 38 anos). A idéia de “nocividade” foi reforçada pelo seguinte depoimento: “Tem a ciência: se você cortar ele, ele continua andando. Acho que ali é um veneno que ele tem” (L., 28 anos). Os dois únicos registros concretos de ofensa foram obtidos de duas senhoras da comunidade: “Tem uma dentada que coça” (Dona S., 82 anos); “Uma vez picou no dedo, mas não teve nada não” (Dona D., 70 anos).

Entre os miriápodes, os quilópodes são os únicos verdadeiramente peçonhentos. O primeiro segmento conta com duas grandes presas, denominadas forcípulas, originadas a partir do primeiro segmento do tronco, que atuam como órgãos de defesa, sendo capazes de injetar veneno contido em glândulas no tronco do animal. A peçonha é um líquido límpido, homogêneo, transparente e de pH ácido. Está constituída por uma mistura complexa, cuja composição química varia entre as espécies, mas que basicamente consta de duas partes, uma protéica e outra não protéica (Monzón Muñoz e Blasco Gil, 1997). Pelo menos em algumas espécies são encontrados os seguintes compostos: proteínas, lipídios, lipoproteínas, histamina, hialuronidade, polipeptídeos e proteinases (Rodríguez-Acosta *et al.*, 2000). Uma proteína cardiotoxica, instável ao calor, foi isolada (Guenneugues e Ménez, 1997). Monzón Muñoz e Blasco Gil (1997) salientam que os extratos aquosos da peçonha possuem efeitos importantes na coagulação sangüínea, concretamente ativando intensamente o sistema da fibrinólise.

No Brasil, os acidentes são causados pelas centopéias dos gêneros *Cryptops*, *Otostigmus* e *Scolopendra* (Bücherl, 1946 in Knysak *et al.*, 1998). A sintomatologia decorrente do acidente com centopéias geralmente é apenas local, com dor instantânea, intensa, tipo queimação, que cede em aproximadamente 24 horas, acompanhada de hiperemia e discreto edema local (Barroso *et al.*, 2001). Menos freqüentemente, ocorre dor irradiada, edema mais importante, necrose local, linfadenite, linfangite e sintomas sistêmicos como febre, tremores, calafrios, sudorese, dispnéia, cefaléia, vômito e ansiedade. Segundo Cardoso e Haddad Júnior (2003), deve-se esperar uma resolução espontânea sem complicações. O local deve ser

lavado com água e sabão e o uso de compressas frias deve ser tentado. A aplicação de analgésicos sistêmicos é fundamental para o controle da dor.

Parece que quadros graves são bastante duvidosos. No entanto, Bücherl (1943 in Barroso *et al.*, 2001) menciona registros na literatura médica de casos de óbitos humanos causados pela picada de escolopendras nas Filipinas e na Índia, nesta provavelmente envolvendo a espécie *Scolopendra subspinipes subspinipes* Leach, 1815.

Conclusão

O conhecimento zoológico tradicional dos moradores de Pedra Branca em relação aos representantes da classe Chilopoda é relativamente coerente com o conhecimento acadêmico. O fato de estes animais serem identificados e classificados como “insetos” torna necessário o desenvolvimento de estudos mais direcionados ao entendimento da etnotaxonomia zoológica da região.

O conjunto complexo de sentimentos, pensamentos e comportamentos direcionados a esse grupo animal e demais artrópodes traduz-se em um recurso valioso que deve ser considerado tanto nos processos de desenvolvimento da região, como na possível transformação da área em algum tipo de Unidade de Conservação, quanto em estudos de inventário da fauna local. Por outro lado, o seguimento de estudos etnozoológicos que enfatizem a importância cultural das centopéias representa uma importante contribuição à questão da biodiversidade e abre possibilidades para a valorização de espécies que são tidas como sem valor e/ou perigosas.

Referências

- BARROSO, E. *et al.* Acidentes por centopéias notificados pelo "Centro de Informações Toxicológicas de Belém", num período de dois anos. *Rev. Soc. Bras. Med. Trop.*, São Paulo, v. 34, n. 6, p. 527-530, 2001.
- BERLIN, B. *Ethnobiological classification: principles of categorization of plants and animals in traditional societies*. New Jersey: Princeton University Press, 1992.
- CARDOSO, J.L.C.; HADDAD JÚNIOR, V. Acidentes por coleópteros vesicantes e outros artrópodes. In: CARDOSO, J.L.C. *et al.* (Org.). *Animais peçonhentos no Brasil: biologia, clínica e terapêutica dos acidentes*. São Paulo: Sarvier, 2003. p. 258-264.
- COSTA NETO, E.M. A etnocategoria “inseto” e a hipótese da ambivalência entomoprojetiva. *Acta Biol. Leopoldensia*, São Leopoldo, v. 21, n. 1, p. 7-14, 1999.
- COSTA NETO, E. M.; PACHECO, J. M. A construção do domínio etnozoológico “inseto” pelos moradores do povoado de Pedra Branca, Santa Terezinha, estado da Bahia. *Acta Sci. Biol. Sci.*, Maringá, v. 26, n. 1, p. 81-90, 2004.

- DALY, D.C. Systematics and ethnobotany: what's in a name? In: FONSECA, V.S. da. *et al.* (Org.). *Etnobotânica: bases para conservação*. Seropédica: EDUR, 1998. p. 50-68.
- FODDAI, D. *et al.* Geophilomorpha. In: ADIS, J. (Ed.). *Amazonian Arachnida and Myriapoda*. Sofia, Pensoft Publishers, 2002. p. 459-574.
- FODDAI, D. *et al.* The geophilomorph centipedes (Chilopoda) of Brazilian Amazonia. *Anales del Instituto de Biología UNAM, série Zoología*, México, v. 75, n. 2, p. 271-282, 2004.
- GUENNEUGUES, M.; MÉNEZ, A. Structures et fonctions de toxines animales. *Comptes Rendus des Séances de la Société de Biologie*, Paris, v. 191, n. 3, p. 329-344, 1997.
- HOGUE, C.L. *Latin American insects and entomology*. Berkeley: University of California Press, 1993.
- JARA, F. La miel y el aguijón. Taxonomía zoológica y etnobiología como elementos en la definición de las nociones de género entre los Andoke (Amazonia colombiana). *J. Soc. Am.*, Paris, v. 82, p. 209-258, 1996.
- JUNCA, F.A. *et al.* Herpetofauna da Serra da Jibóia - Bahia: novas ocorrências. In: ENCONTRO DE ZOOLOGIA DO NORDESTE, 12., 1999, Feira de Santana. *Resumos...* Feira de Santana: UEFS, 1999. p. 412.
- KNYSACK, I.; MARTINS, R. Myriapoda. In: JOLY, C.A.; BICUDO, C.E.M. (Org.). *Biodiversidade do Estado de São Paulo, Brasil: síntese do conhecimento ao final do século XX*. São Paulo: FAPESP, 1999. p. 67-72.
- KNYSACK, I. *et al.* Epidemiological aspects of centipede (Scolopendromorpha: Chilopoda) bites registered in Greater S. Paulo, SP, Brazil. *Rev. Saúde Pub.*, São Paulo, v. 32, n. 6, p. 514-518, 1998.
- MARQUES, J.G.W. *Aspectos ecológicos na etnoictiologia dos pescadores do Complexo Estuarino-lagunar Mundaú-Manguaba*. 1991. Tese (Doutorado)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.
- MOORE, J. *Uma introdução aos invertebrados*. São Paulo: Editora Santos, 2003.
- MONZÓN MUÑOZ, F.J.; BLASCO GIL, R.M. Patología causada por artrópodos de interés toxicológico y alergológico. *Bol. S.E.A.*, Zaragoza, n. 20, p. 193-215, 1997.
- MORAIS J.W. de. *et al.* On abundance, phenology and natural history of Geophilomorpha (Chilopoda) from a mixedwater inundation forest in Central Amazon. *Entomol. Scand. Suppl.*, Sandby, v. 51, p. 115-119, 1977.
- NOLAN, J.M.; ROBBINS, M.C. Emotional meaning and the cognitive organization of ethnozoological domains. In: ANNUAL CONGRESS OF THE SOCIETY OF ETHNOBIOLOGY, 22., 1999, Oaxaca. *Resumos...* Oaxaca: Jardín Botánico de Santo Domingo, 1999. p. 20.
- POSEY, D.A. Temas e inquições em etnoentomologia: algumas sugestões quanto à geração de hipóteses. *Bol. Mus. Para. Emilio Göeldi*, Belém, v. 3, n. 2, p. 99-134, 1987. Série Antropologia.
- RODRIGUEZ-ACOSTA, A. *et al.* Centipede (*Scolopendra gigantea* Linneaus 1758) envenomation in a newborn. *Rev. Inst. Med. Trop. São Paulo*, São Paulo, v. 42, n. 6, p. 341-342, 2000.

RUPPERT, E.E.; BARNES, R.D. *Zoologia dos invertebrados*. 6. ed. São Paulo: Roca, 1996.

STURTEVANT, W.C. Studies in ethnoscience. *Am. Anthropol.*, Washington, D.C., v. 66, n. 3, p. 99-131, 1964.

TEIXEIRA, M.D. *et al.* Do Rio de Janeiro a Cuiabá: notícia sobre os produtos naturais do Brasil por um autor anônimo do século XVIII. 6. Capítulo VII: "Notícia de vários bichos e insetos q' se conhecem no Brasil, com a

distinção e circunstancias q' se poderão descobrir a este respeito". *Historia Naturalis*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 6, p. 135-146, 1999.

Received on March 09, 2006.

Accepted on June 29, 2006.